

Título do Projeto: Literatura em ruínas: locais da memória em escritoras dos séculos XV a XVII.

Cordenador: Amanda Luzia da Silva

Resumo:

Não surpreende a conformidade entre as palavras memória e esquecimento, ao contrário, quando se trata da associação entre opostos complementares, elas se tornam um exemplo tácito. Tal relação esbarra, por vezes, no absurdo e na ironia, como é caso das técnicas de aprimoramento da memória desenvolvida pelos gregos do período pré-socrático. Embora tenha sido usada em larga escala desde antiguidade clássica à Idade Moderna, essa arte da memorização de palavras e ideias por meio da criação de imagens e espaços – os loci de memória – permaneceu esquecida por séculos, sendo retomada somente na década de 60, pela historiadora Francis Yates, em seu livro *A arte da memória* (1966). No estudo sobre os sistemas mágicos de Giordano Bruno, a autora redescobriu importância e a influência das antigas técnicas de memorização dos gregos no desenvolvimento da ciência e do pensamento moderno. Recuperamos, neste trabalho, as contribuições de Yates, deslocando a questão a um lugar comum do esquecimento: o da contribuição de mulheres na história do pensamento Ocidental. Desde o âmbito acadêmico concernente à área de Estudos de Gênero às mais variadas vertentes do Feminismo tem sido reiterado o apagamento sistêmico do papel e da atuação de mulheres ao longo da História. No âmbito literário (e nas artes em geral), a realidade não se mostra muito diferente: apesar de as mulheres serem a temática central de uma infinidade de obras, poucas são as ocasiões que elas deixam o lugar musas silenciosas para se converterem elas mesmas no próprio escritor dessas histórias. Questionada sobre esse fato, Virginia Woolf, em seu ensaio *A Room of One's Own* (1929), oferece uma hipótese que lança luz sobre as possíveis razões da parca presença feminina na literatura: para criar uma obra literária, o escritor precisa de um teto, um espaço só seu. Espaço este que nem sempre foi dado à mulher. Acercando-nos a essa dupla demanda por espaço na literatura – para lembrar e para escrever –, oferecemos um estudo sobre três escritoras que, em sua produção literária, tornaram-se as mestras-construtoras de um lugar que puderam chamar de seu: Christine de Pizan (1364–1430), Teresa de Jesús (1515-1582) e Sor Juana Inés de la Cruz (1651–1695). Um castelo, um labirinto piramidal e uma cidade serão os espaços textuais que iremos percorrer neste trabalho. Deslindar esses loci de memória em uma literatura escrita sobre e por mulheres é uma forma de colocar em exercício as técnicas clássicas da arte da memória, pois nos permitem situar essas escritoras em um espaço no qual elas possam ser lembradas. Nesse sentido, é encontrado um caráter construtivo (e inventivo) neste trabalho, pois o que aqui se propõe é a construção de espaços de memória de escritoras, uma espécie de inventário, de biblioteca cujas prateleiras não estão repletas apenas

de histórias sobre mulheres, mas de histórias que elas mesmas ousaram escrever.

Palavras-chave: Arte da memória. Imaginação. Teresa de Jesús. Sor Juana Inés de la Cruz. Christine de Pizan. Literatura e Gênero.